

# A REFLEXÃO ESTÉTICA COMO O PONTO DE PARTIDA PARA O ENTENDIMENTO DA IMPORTÂNCIA DA ARTE NA ESCOLA

THE AESTHETIC REFLECTION AS THE STARTING POINT FOR THE UNDESTANDING OF THE IMPORTANCE OF THE ART IN THE SCHOOL

Meline Lopes Pinheiro

Pedagoga pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP  
melinelop@gmail.com

**RESUMO:** A dimensão estética da vida humana não ocupou centralidade na obra de Karl Marx e Friederich Engels, mas a partir dos pressupostos ontológicos, gnosiológicos e axiológicos das obras torna-se possível encontrar reflexões que relacionem a arte na sociedade capitalista. Para este trabalho parte-se da concepção de que o marxismo integra a estética ao homem e com isso torna possível tratar de uma nova sociedade. Assim, a escola passa a ser o espaço privilegiado para “este novo homem”, como ambiente (escola pública) em que a classe dos trabalhadores possui a oportunidade de apropriar-se dos conhecimentos construídos historicamente, como instrumento de transformação social, emancipação dos imperativos capitalistas que subjagam as classes desfavorecidas. O problema principal deste trabalho verifica-se na arte como dimensão da sociedade caracterizada como privilégio da classe dominante. Por meio da filosofia da arte, da estética marxista propriamente dita, torna-se possível tratar do problema arte, sociedade e escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marxismo. Humanizar. Emancipar. Classe trabalhadora. Arte.

**ABSTRACT:** The aesthetic dimension of the human life didn't occupy the center in Karl Marx and Friederich Engels' work, but starting from the presuppositions “ontológicos”, “gnosiológicos” and “axiológicos” of the works becomes possible to find reflections that relate the art in the capitalist society. For this work breaks of the conception that the Marxism integrates the aesthetics into the man and with that it turns possible to treat of a new society. Like this, the school becomes the privileged space for “this new man”,

as atmosphere (public school) in that to the workers' classes possesses the opportunity to appropriate of the knowledge built historically, as instrument of social transformation, emancipation of the capitalist imperatives that subdue the classes pobres. The main problem of this work is verified in the art as dimension of the society characterized as privilege of the dominant class. Through the philosophy of the art, of the Marxist aesthetics, becomes possible to treat of the problem art, society and school.

**KEY WORDS:** Marxism. To humanize. To emancipate. Working class. Art.

## Introdução

Neste trabalho pretende-se demonstrar que a arte é uma atividade própria da classe favorecida economicamente e o espaço da escola é um ambiente fértil para difundir a ideia da arte como atividade própria do ser humano, para além do trabalho, utilizando-se da perspectiva da arte como humanizadora do homem.

A escola é um espaço em que é possível discutir uma proposta alternativa da sociedade capitalista vigente, sem caracterizar-se como utópica ou idealista. As acusações que se referem ao marxismo como utópico, muitas vezes ocorrem pela necessidade urgente de tratar de uma sociedade para além do capital, haja visto que o capitalismo está nas diversas dimensões sociais, e o povo, a classe desfavorecida, mesmo que em milhares, em quantidade maior, não possui as mesmas armas. Assim, o conhecimento, a escola como centro do saber, tem a função de oferecer este instrumento. No entanto, não é o que se tem visto, pois a escola contemporânea tem servido como instrumento de reprodução hegemônica, dentro dos ditames neoliberais.

A disciplina de artes sempre é a primeira a ser cortada para dar lugar as disciplinas de peso como português e matemática. Não desmerecendo a importância destas áreas, mas sabe-se que o ensino de artes nas escolas é desfavorecido, assim como filosofia, sociologia, como parte do projeto ditatorial de cortar as disciplinas humanas e substituí-las por disciplinas com propostas disseminadoras da ideologia vigente.

A proposta deste trabalho visa tratar a arte, não como mera disciplina da prática/teoria das artes visuais, cênicas, etc., mas, sim, da estética,

como filosofia marxista, que trata das questões pertinentes à classe trabalhadora, que não tem a vivência da relação estética.

A primeira parte consiste na discussão estética que procura tecer considerações acerca da arte e do marxismo, já que este trabalho parte do pressuposto de que a escola necessita de discussões pertinentes a sua realidade. A arte na escola tem um papel muito mais profundo, por este motivo apresentam-se neste trabalho discussões que demonstrem essa profundidade estética, pelo viés da filosofia da arte enquanto própria da atividade humana, e não restrita à classe favorecida.

Em linhas gerais após discutir sobre a contribuição do marxismo para a arte, diante dos desafios da sociedade moderna que culminam, na contemporaneidade, no acesso exclusivo das classes favorecidas aos diversos tipos de arte, restam às classes subjugadas ao capitalismo apenas o acesso escolarizado da arte. Esta premissa deixa implícito a seguinte questão: Existe uma arte para a sociedade e outra apresentada na escola? A escola poderá proporcionar aos alunos uma educação estética? Para que serve a arte na escola? Para que serve a arte na sociedade? Questões que exigem como pressuposto o tratamento da filosofia como aquela que permeia a arte. Para alcançar tal compromisso com a arte e a filosofia, dupla que permitirá criticar a arte como parte do projeto de reprodução social da burguesia, problematizando a ideia de que a arte não possui fins ideológicos ou ainda questionar a relação da arte como forma de conhecimento.

Estas imitações dentro da discussão entre arte e filosofia permitirão incluir a arte como parte do projeto que por meio da estética busca dar significativa importância para a arte nas escolas.

## **A função emancipatória da arte: humanizar o próprio homem**

Na obra *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, Karl Marx (apud VAZQUEZ, 1978) procura demonstrar que o homem, além de sua produção material, também produz arte. Nesta obra, o autor salienta a necessidade de se discutir a dimensão estética da vida humana. Este não era o objetivo da obra, mas ao buscar a dimensão social do homem não pode desvencilhar desta que faz também possui sua importância ímpar.

Nos *Manuscritos*, Marx procura encontrar a raiz da alienação humana e a essência do homem que se perde na alienação do trabalho. Com Marx, o estético se integra plenamente no homem e, para isto, a estética equivale a uma dimensão do que seria uma nova sociedade. Quando falamos desta busca de Marx por uma nova sociedade, muitas vezes poderemos vê-la associada ao idealismo, da busca por algo ideal, utópico. Mas a estética em Marx associa o homem e a arte como agentes transformadores. Esta relação com a práxis torna-se expressão superior, Vazquez (1978) explica que:

A prática enquanto fundamento do homem como ser histórico-social, capaz de transformar a natureza e criar assim um mundo à sua medida humana, é também um fundamento de sua relação estética da realidade. Quando Marx fala da prática, com relação originária entre o homem e a natureza, refere-se à ação real, efetiva, do homem sobre a natureza, a qual manifesta-se sobretudo como produção material. Esta ação que é transformação da natureza dada, não é exigida pura e simplesmente pela necessidade de subsistir, mas antes de tudo pela necessidade que tem o homem de afirma-se [...]. A prática é instauração ou criação de uma nova realidade interior e exterior. O poder de criação explicita-se na criação de objetos humanizados e de sua própria natureza.

O capitalismo reduz o leque de necessidades humanas e desvaloriza, reduzindo a necessidade humana ao dinheiro. Esta unilateralidade da vida, na proposta capitalista, ignora o fato de que, diferente dos animais que se relacionam com o mundo de forma individual, imediata, os homens atuam de forma livre e mediata. Esta necessidade expressa na totalidade de manifestações da vida humana, é o que Marx tratou como o homem unilateral, ou seja, o homem total, em suas múltiplas necessidades humanas.

As necessidades humanas provém das formas do homem relacionar-se com a realidade. Mas esta realidade foi sendo forjada histórica e socialmente, o que Vazquez (1978) define como relações teóricas, relações prático-utilitárias, relações estéticas, etc.

A relação prático-utilitária trata da situação na qual um objeto poderá servir para satisfazer uma necessidade. Com isto, Marx (apud VAZQUEZ, 1978) chega à conclusão de que até mesmo a ciência possui um caráter antropológico, pois satisfaz uma necessidade humana, e por isto está a serviço do homem, mesmo que o sujeito não se expresse diretamente, visto que a atividade teórica requer abstração, para que o objeto se revele, apagando a ideia do sujeito, para tomar como foco o objeto, a lei, a teoria ou o conceito, já que “a conquista da objetividade implica no sacrifício da subjetividade” (VAZQUEZ, 1978).

Já a relação estética com a realidade se utiliza de toda a subjetividade humana, mas sem desconsiderar este ser que é social. O diferencial da relação estética é que o subjetivo torna-se objetivo, e o objeto é o próprio sujeito. A obra de arte é um objeto no qual o sujeito poderá expressar sua subjetividade, reconhecendo a si mesmo, diferente do que o trabalho alienado faz.

Vazquez (1978) explica que a conclusão acima exposta advém dos estudos de Marx em Hegel, quando o próprio Marx busca diferenciar objetivação e alienação mesmo que Hegel não tivesse realizado um estudo específico.

Quando Vazquez (1978) toma para si o desafio da empreitada de buscar em Marx as noções de estética, torna possível esclarecer que o homem, ao realizar-se saindo de si mesmo, projetando-se fora, encontra na arte o ponto culminante, pois é na manifestação estética que o homem, ao objetivar-se, cumpre o mais alto papel de humanização do próprio homem. Esta concepção da arte como objetivação do subjetivo é o que Marx explicita em sua obra *Manuscritos econômicos e filosóficos* (apud VAZQUEZ, 1978).

Esta lacuna é encontrada na obra de Hegel, principalmente no livro *Fenomenologia do Espírito*, em que o autor procura tratar da história da consciência ou do espírito, visto por meio das relações que mantém com seu objeto.

Estas diferentes relações vão desde quando o sujeito se eleva ao objeto tornando-se estranho, alheio a ele, o que acaba ocasionando o conhecimento do objeto, com o distanciamento necessário para se conhecer algo, que culmina na fase do saber absoluto, em que o saber acerca do objeto é assimilado como sujeito, diferente da primeira fase ora explicitada em

que se distancia. Com o saber absoluto o homem, o espírito conhece-se plenamente como sujeito. Desta forma, ao captar a verdadeira natureza do objeto, desaparece a alienação. Este processo mistificado pode ser equiparado com a emancipação humana, em que o homem sente-se estranho nas relações em que se situa, e que, ao se utilizar de instrumentos que lhe permitem conhecer a realidade, se apropria dos meios em que vive e realiza transformações.

Esta necessidade de exemplificação, como discutido acima, advém da própria abstração da teoria, criticada por Marx, mas que não deixa de dar o devido mérito, pois o homem está presente neste processo mesmo que de forma mistificada.

A grande contribuição de Hegel está no fato de que ele é o primeiro a definir que o homem, ao objetivar-se mediante o trabalho, faz-se a si mesmo. “O homem é trabalho e, através dele, se autoproduz ou cria a si mesmo” (HEGEL apud VAZQUEZ, 1978).

Em Marx, estes conceitos de objetivação e alienação ganham uma dimensão real, prática, em que o homem se objetiva e se aliena nos processos de produção. O princípio de negação faz-se necessário para o sistema capitalista em que o homem, ao negar a si mesmo, desfaz o papel positivo do trabalho não alienado, criador.

A maior crítica de Marx é que Hegel somente via a parte positiva do trabalho, ignorando o fato de que o trabalho não somente forma coisas, mas também forja o próprio homem, aliena. Por último, a crítica ocorre quando Hegel trata de uma objetivação do espírito, e admite apenas o trabalho deste último, apenas do homem enquanto ser espiritual. (MARX apud VAZQUEZ, 1978).

Para Hegel, a verdadeira natureza humana é o espírito, e para alcançá-la o homem teria que negar a objetivação. Esta subjetividade espiritual seria a autoconsciência, isto é, com a subjetividade absoluta o homem superaria a alienação. Deste modo, o objeto é colocado para fora da essência humana, pois para Hegel o importante seria somente o espírito. Cancelar a objetividade é recobrar a verdadeira essência. Para este argumento hegeliano, Marx explica que esta objetividade defendida por Hegel vale para o homem alienado e que não pode ser definida como a autoconsciência, mas apenas como uma teoria espiritualista já que nega a objetividade.

Esta reivindicação marxista é, na verdade, a cobrança, a necessidade do homem real, não do espírito. Isto significa que o homem necessita dos objetos, pois ele cria objetos em que ele se exterioriza. Esta objetivação não diminui o sujeito, como Hegel afirma, mas, sim, faz com que o homem mantenha-se em nível humano, já que o homem é um ser objetivo, até mesmo para um terceiro, ou na relação recíproca sujeito-objeto. Marx explica que: “[...] um ser se objeto é um ente irreal, não sensível, puramente pensado, isto é puramente imaginário, um ente da abstração [...]” (MARX apud VAZQUEZ, 1978).

Marx admite que existe uma objetivação que se volta contra o sujeito, visto pelo próprio trabalho alienado. A objetivação faz-se necessária pois é quando o homem vai além da esfera imediata dos outros animais, ao criar um mundo de objetos humanos. A objetivação do ser humano mediante o trabalho é o que permite a dupla transformação da natureza, e de si, quando supera os limites dos outros animais. A alienação faz exatamente o inverso: degrada o ser humano, visto que o homem não mais se reconhece no seu trabalho.

No âmbito estético, Hegel é muito importante pois observou algo que Marx não fez. Ele sublinhou que a criação artística permite ao homem manifestar-se nas coisas exteriores, elevando a si mesmo em um outro nível e expressão de si mesmo, uma atividade em que o homem toma consciência de si. Esta explanação está presente na obra *Lições de Estética*. Esta consciência de si, o homem adquire de duas maneiras: teoricamente, em que o pensamento se encontra como plasma, já que pode conhecer-se a si mesmo. Em segundo lugar, o homem chega a si através da atividade prática, que se manifesta na obra de arte.

Nesta exposição de Hegel, estão duas ideias fecundas que revelaram toda sua riqueza na estética marxista: “a arte como atividade prática particular, distinta da teórica, entre o sujeito e as coisas, ou ainda a arte como meio de autoafirmação, autoconhecimento do homem nas coisas exteriores.

Assim, a arte define-se como meio de o homem exteriorizar-se, uma verdadeira humanização do mundo exterior, ou seja, do mundo sensível, seja como Hegel propõe como espiritualização, ou como manifestação sensível do espírito ou da ideia.

## Arte como ideologia: a criação artística para além da relação homem e trabalho

A arte não pode ser engessada em uma teoria, mesmo quando de acordo com o referencial marxista. Nas ideias originais de Karl Marx, não é permitido esquecer que a arte se renova a todo o momento por meio da própria prática.

O próprio marxismo discute a respeito da função da criação artística, pois seria muito exclusivista emparejar a arte apenas na relação homem e trabalho. Assim a estética, em Marx, passa por todas as questões essenciais da arte.

Qual a função do esteta marxista? Quem é este pesquisador que estuda arte sob a ótica de Karl Marx? A resposta está clara: Trata-se daquele marxista com uma concepção aberta, que não “[...] mutila a riqueza, diversidade e dinamismo da arte ao longo de seu desenvolvimento histórico e na atualidade” (VÀZQUEZ, 1978).

Para se entender a relação da arte com as diversas formas de ideologia é necessário entender do que se trata a redução da arte como essencialmente ideológica. Primeiramente, parte-se do entendimento de que o marxismo, desde seus primeiros estetas, insistiu vigorosamente na natureza ideológica da criação artística. Isto significa afirmar que, dentre a relação proposta pelo marxismo de base, a economia e a superestrutura representada pela cultura, filosofia, estética, religião, política, instituições, leis, a arte faz parte desta última fase e por isto não deixa de estar ligada a certos interesses sociais. Por este motivo, o artista também possui seus interesses e dá forma a sua expressão. Por este motivo torna-se impossível reduzir a arte como fenômeno ideológico, pois a obra possui coerência interna, possui o seu valor, a sua independência, é autônoma, ao contrário de rígida e engessada, não havendo um signo de igualdade entre arte e ideologia.

Não diferente do homem comum, o artista faz parte da concepção ontológica marxista e também é condicionado histórica e socialmente, mas a sua criação artística possui aspectos característicos, como quando retrata em uma obra sua classe social, o que não significa que, se esta classe não mais existir, esta obra perderá seu valor. Desta forma, Vazquez (1978) define a arte como “expressão do dilaceramento ou divisão social da humanidade”. É a própria expressão da universalidade, da totalidade em que este

ser particular está inserido, negando qualquer incentivo ao individualismo de classe, segmentado, particular, típico desta sociedade de classe.

Assim como a arte grega fora analisada por Marx e Engels como aquela que perdurava acima de todos os condicionamentos, e atualmente superou a ideologia escravista de seu período, também a arte de hoje transcenderá a sua ideologia, visto que “as ideologias de classe vêm e vão, ao passo que a verdadeira arte permanece” (VAZQUEZ, 1978). É por este motivo que nos dias atuais é possível conviver com a arte renascentista, medieval, mesmo que nesses períodos os homens que produziam esta arte eram envoltos pela ideologia da época. Assim, o homem que buscar as técnicas, a inspiração desse período, não precisa necessariamente estar de acordo com a ideologia que predominava na época.

Fica claro que, para Vazquez, a contribuição do marxismo na discussão entre arte e ideologia não permite reduzir a arte unicamente ao subjetivismo ou, na sociologia vulgar, retirar do eixo estético marxista qualquer tendência que negue o caráter ideológico da arte.

## **A concepção de escola sob a ótica marxista: a arte como parte do projeto emancipador da classe trabalhadora**

Nos textos de Marx encontramos a concepção educacional ligada ao movimento de “inter-relação” entre as categorias fundamentais do pensamento marxiano, geradora de uma grande discussão. Existe uma pedagogia marxiana? Ou, por outras palavras, será possível isolar no interior do pensamento de Marx, da sua análise, interpretação e perspectiva de transformação do real, “[...] uma indicação direta para estabelecer uma temática pedagógica do seu e do nosso tempo?” (NOGUEIRA, 1999 apud PAULA, 2007, p. 55).

A pesquisa direcionada ao entendimento da educação e do trabalho dirige-se ao aspecto econômico já que o grau de cultura depende do interesse da burguesia capitalista, defende Paula (2007, p. 79) ou de quando o Estado possibilita meios de investimento, que também fizeram parte das críticas de Engels ao relatarem a situação das crianças operárias num estágio de desenvolvimento do capitalismo que forçava o investimento

em educação, contribuindo com parcelas mínimas e propiciando brechas enormes em leis, além de encobrir e favorecer qualquer descumprimento das mesmas, em relatos de documentos da época, denunciando salas abarrotadas de crianças sem fazer absolutamente nada. A análise da burguesia, em sua propaganda ideológica discutida por Marx e Engels, contribui com o entendimento de uma educação em crise, que neste trabalho esta disposta como “fenômeno”.

Paula (2007) explica que não seria interessante para o Estado oferecer chances iguais, pois o Estado é capitalista, e instrumentalizar intelectualmente o povo poderia ocasionar a união das classes. Deste modo, ou concorda-se com a derrota ou opta-se pela denúncia histórica da vitória contra-hegemônica ou, como na proposta de Marx, ao se unir como classe o povo poderia ir contra o Estado e contra as forças exploradoras com reivindicações atualizadas, com táticas de luta correspondentes ao momento histórico concreto, com palavras de ordem adequadas às condições de luta.

Ao tratar das condições dos trabalhadores e da instrução, Marx mostra claramente a posição do trabalhador que não se interessa pela escola porque esta é inaudita a sua realidade, as suas condições, e por isto dá-se mais validade ao que é aprendido entre os pares sociais, para aquele que não sabe escrever, sabe falar, e aquele não sabe ler, sabe numa situação de opressão entender que o cereal reivindicado na abolição das leis dos cereais é justo. “Tendo a religião como o obscuro e o indissolúvel” e nas questões políticas, sociais e terrenas, o mais alto grau de esclarecimento (MARX apud PAULA, 2007) que possibilita visualizar as relações sociais e o ensino, que realmente interessa à classe trabalhadora em uma educação que já é parte da vida do proletariado, o trabalho produtivo.

Para se transformar a sociedade pela educação é necessário um professor ciente da sua posição política, que não seja formador de preceitos doutrinários, mas sirva como o mediador entre o trabalhador e o sistema, ou ainda, como na visão de Gramsci (1979), o intelectual orgânico.

A realidade é gritante nas grandes regiões, indicada pelo número de repetentes segundo a série da escola pública e porcentagem de matrícula; pela diferença do número de repetência no urbano de renda alta e o urbano de renda baixa; e, por último, pela educação rural em seus altos índices de repetência, indicando uma preocupação ainda mais complexa e que não está desvinculada destes fatores que até aqui foram expostos (AMIN, 2006).

A história da educação brasileira é marcada por preceitos religiosos cristãos advindos do sistema catequizante europeu. Segundo Mészáros (2006, p. 35), “[...] o espírito judaico prático tornou-se o espírito prático das nações cristãs [...]”; ambos são aspectos complementares dos esforços das sociedades para lidar com suas contradições internas em que ambos representam tentativas de uma transcendência imaginária dessas contradições, de uma reapropriação ilusória da essência humana por meio de uma substituição fictícia do estado de alienação (MÉSZÁROS, 2006, p. 34) projetando as aspirações econômicas, sociais como consequências desta atividade religiosa, alienante que é exatamente o debate de Marx com o seu contemporâneo Bruno Bauer, na obra *A questão judaica*.

Marx concorda com Bauer, afirmando que há uma alienação religiosa, já que esta é incompatível com a ciência, pois a religião tem como origem a ignorância do homem frente à natureza, mas discorda da proposta que ela seja a alienação fundamental do homem, e que existem outras formas de alienação (MARX, 2003 apud SOUZA, 2007).

Esta forma religiosa de alienação é a raiz da pedagogia brasileira que se opõe aos processos emancipatórios, visto que o Brasil possui como proponente educacional os jesuítas, grupo religioso que permaneceu no Brasil e que, em sua proposta e ação, trouxeram consigo o sistema dominante, “o espírito capitalista” (MÉSZÁROS, 2006), com destruição e negação da cultura indígena de forma repressiva, impondo padrões europeus a uma cultura estranha que, segundo os jesuítas, era selvagem e primitiva. Os jesuítas apregoavam uma educação com ensinamentos repressivos sobre a vida da criança, próprios da cultura europeia; como consequência, as crianças tiveram que negar sua cultura, assumindo formas tão diferentes e agressivas à cultura indígena. Os jesuítas aplicavam a “pedagogia do medo” (NUNES, 2000, p. 57).

Mesmo com o desenrolar da história, nossa sociedade atual não evoluiu em termos de igualdade, pois continua segregada em classes. A contradição é evidente e reflete diretamente no sistema educacional que ainda carrega os resquícios de uma pedagogia excludente, submetida aos dominadores, aos detentores do poder, visto que aceita escolas públicas e escolas particulares, mesmo quando o artigo 205 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 atribui o direito de todos à educação de qualidade e no artigo 208 se reforça a efetivação deste direito, in-

congruente com a existência da escola particular (MARTINES JUNIOR, 2006, p. 90).

Para entender o fenômeno educativo, é necessário tratar da essência humana (ontologia) no entendimento da natureza e a realidade humana na sua relação com o trabalho, definido por Marx como aquele que diferencia os homens de todos os outros animais, quando este modifica a natureza segundo suas necessidades, diferentes dos outros animais que simplesmente se adaptam, e esta modificação da natureza em prol das necessidades é o que Marx define como trabalho (SAVIANI, 1997, p. 48).

O trabalho desenvolvido ao longo da história é alienado pois os produtos do trabalho realizado pelo homem são vistos como objetos estranhos, alheios; o trabalho é considerado como algo externo no qual ele encontra não a sua realização, mas a sua perda, um fator de sofrimento, e não de satisfação. Em relação aos outros homens, o trabalho alienado torna cada homem alienado por outros, os quais, por sua vez, são alienados da vida humana (SAVIANI, 1997, p. 69).

A décima primeira tese de Marx sobre Feuerbach, de que “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” (apud PAULA, 2011) vem ao encontro deste trabalho, em que a discussão filosófica sobre arte, sobre a estética em si permite a práxis dialética, já que as discussões dos tópicos anteriores são voltados aos professores e a todos aqueles que visualizam a arte em sua função social. Um retrospecto histórico e filosófico foi realizado; partindo destas considerações, faz-se necessário discutir a respeito da praticidade desta discussão.

Dermeval Saviani, pensador contemporâneo que, a partir das décadas de 1970 e 1980, passou a discutir o papel social da escola, além de ser o proponente de uma prática social baseada na dialética marxista, operacionalizou uma discussão metodológica, filosófica, política direcionada não só aos professores, mas também àqueles que buscam entender qual a contribuição do marxismo para a educação e do conhecimento, em sua prática, como práxis materialista dialética.

A pedagogia histórico-crítica, criada por este pensador, analisa o contexto atual da educação, buscando na história o entendimento do presente; por isto considera o papel do professor, neste ambiente educativo, como um intelectual orgânico a que se referia Gramsci, um outro inte-

lectual na linha marxista que, juntamente com Saviani, expressa o papel político da filosofia, principalmente no que se referia ao legado intelectual de Karl Marx na sua explanação das condições econômicas como determinantes nas condições materiais.

O educador Dermeval Saviani, ao trazer à tona discussões sobre a educação, humaniza o processo educativo imerso em um sistema que atualmente se expressa nas formas de burocracias representando apenas uma das formas capitalistas de comprometimento dos bens que deveriam ser acessíveis a todos e não concentrados em subdivisões de classes, ou na dicotomia escola pública e privada.

O problema principal está no fato de que esta escola burocrática, em sua proposta educacional, não favorece o desenvolvimento pleno da humanidade. Assim, a arte surge com esta proposta que, antes de ser tecnocrática, é humanizadora.

A alienação combatida pelo marxismo na forma educacional, como pedagogia histórico-crítica, se contrapõe na forma paradigmática devido à evidência de que as outras concepções existentes são de cunho capitalista, “conteudistas”.

Este projeto marxista de educação é, antes de tudo, uma forma de pensar o mundo que, ao se tornar prático, realiza transformações na conjuntura até aqui exposta, de uma sociedade injustamente desigual, em que seus membros tendem a ser condicionados ideologicamente, de forma a conviver e aceitar naturalmente as injustiças inerentes à lógica de produção capitalista.

Segundo Saviani (2008), as teorias educacionais podem ser distinguidas em três grandes grupos: teorias não críticas, crítico-reprodutivistas e críticas. O que caracteriza cada uma delas é, essencialmente, a forma como se compreende a relação entre a educação e a democracia, ou seja, a atuação da educação como forma de superação das desigualdades político-sociais.

Neste trabalho não se pretende esmiuçar cada uma destas práticas pedagógicas citadas, mas somente situar este trabalho diante das formas básicas que toma a educação em nossa sociedade, com o intuito de analisarmos a forma como a educação pode se colocar diante dos contextos sociais, e da influência exercida por estas teorias observando a realidade das escolas. Da proposta tradicional temos, por exemplo, a estrutura física

da escola e das salas de aula, formatadas pelos padrões pedagógicos da escola tradicional.

Da escola nova temos uma profunda desvalorização da importância dos conteúdos específicos e da autoridade do professor em sala de aula. Da escola tecnicista, a educação pautada na produção, é mais importante o preenchimento de relatórios, livros, cadernetas, do que o próprio aprendizado, acarretando na perda de autonomia do professor.

Gasparin (2007), conhecido como o popularizador da obra de Saviani, explica que a aplicação desta pedagogia histórico-crítica se dá em cinco passos que consistem: “prática social inicial”, onde o professor busca conhecer o contexto em que os alunos vivem; em seguida, a “problematização”, em que os alunos são levados a questionar este contexto, muitas vezes desconhecido; assim, chega-se ao terceiro passo, que é a instrumentalização, em que o professor se utiliza de recursos pedagógicos para trabalhar o tema em questão, gerando a catarse (escrita ou oral), tornando possível identificar o aprendizado do aluno que, na sequência da prática social final (último passo), possui uma visão diferente do início da prática. Assim, a arte, de acordo com esta proposta metodológica, poderá ser parte da fase de instrumentalização, como recurso utilizado para trabalhar qualquer tema de qualquer área, como quando os professores se utilizam do teatro para trabalhar alguns temas.

## Considerações finais

Mesmo que Marx nunca dedicou uma obra especificamente à arte ou à educação, neste trabalho procurou-se demonstrar o excelente trabalho feito por pesquisadores, que buscaram em Marx considerações pertinentes à educação e à arte.

Adolfo Sanchez Vazquez (1978) demonstra que o marxismo se renovava ao se desembaraçar das alterações próprias do período stalinista, revelando a fertilidade do legado marxista no trato do objeto estético. A partir da interpretação de Marx, Sanchez Vazquez recupera o potencial crítico e heurístico de suas ideias, expondo a sua riqueza e a sua atualidade para uma análise da arte que articule a sua contextualização sócio-histórica com a abordagem da sua especificidade estética. A relação entre arte e

sociedade capitalista ancora o conjunto das reflexões de Sanchez Vazquez, oferecendo-lhe a base para discutir algumas das questões essenciais nela implicadas, além de aplicar o modo de fazer ciência de Marx, para os questionamentos levantados em relação à arte.

Neste trabalho, realizou-se um delimitado recorte na obra de Vazquez, já que a profundidade do trabalho permitiria uma discussão extensa, para além dos limites deste artigo. A discussão de Vazquez é base para professores e profissionais interessados na função social da arte. Como profissional, que a todo instante tem seu trabalho desafiado pela necessidade de formular práticas, fora escolhido o professor, já que as transformações sociais almejadas pelos professores dependem de práticas emancipatórias.

Abordando problemas da arte em sua função humanizadora para além do trabalho, foi possível chegar até a escola, pois neste terreno encontra-se o local onde a concepção de arte é ainda mais deturpada, além de ser o local em que o reflexo da sociedade desfavorecida economicamente exige da escola uma problematização efetiva, para fins de transformações sociais.

## Referências

- AMIN, Samir. *Pobreza mundial, pauperização & acumulação de capital*. 2006. Disponível em: <[http://resistir.info/samir/pobreza\\_mundial.html](http://resistir.info/samir/pobreza_mundial.html)>. Acesso em: 20 ago. 2010.
- GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a Pedagogia Histórico-crítica*. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2007. (Educação contemporânea).
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MARTINES JÚNIOR, Eduardo. *Educação, Cidadania e Ministério Público: O artigo 205 da constituição e sua abrangência*. 2006. 459 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LOMBARDI, José Claudinei. *Reflexões sobre a educação e ensino na obra de Marx e Engels*. 2010. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

NUNES, César. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados, 2000. (Polêmicas do nosso tempo, 72).

PAULA, Douglas Ferreira de. *A união do ensino com o trabalho produtivo: a educação de Marx e Engels*. 2007. 109 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.fea.usp.br/noticias.php?i=471>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

SAVIANI, Dermeval. *A Nova Lei da Educação: Trajetória, limites e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 1997.

\_\_\_\_\_. *Escola e democracia*. 40. ed. Campinas: Autores associados, 2008. (Polêmicas do nosso tempo, 5).

\_\_\_\_\_. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Antonio Carlos de. *Fundamentos da ética marxista: a crítica radical da sociedade capitalista e as mediações políticas para construção da emancipação humana*. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *As ideias estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Recebido em 19 maio 2014 / Aprovado em 16 set. 2014

Para referenciar este texto

PINHEIRO, M. L. A reflexão estética como o ponto de partida para o entendimento da importância da arte na escola. *EccoS*, São Paulo, n. 35, p. 95-110. set./dez. 2014.